

C 78
CA 39
L A



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.ª

Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Uma carta séria

Esta é uma carta séria, por isso mesmo a coloco aqui no seu lugar. Quem se assina honra o Instituto onde se formou.

São muito mais raros e difíceis os lugares que procuram e esperam as pessoas, do que as pessoas que procuram e esperam os lugares.

Conto ir no comboio da manhã, ou quando muito no que parte do Pôrto pelas 2 horas da tarde. Se não der jeito que eu tique lá uns dias desta vez, combinaremos outra altura em que V. lá esteja, porque eu não tenho nada de especial a fazer por estes tempos mais chegados.

Eu sei que o trabalho aí é difícil, mas não me assusto. Não digo isto para presumir de forte. É justamente porque sei que as missões duras são melhores para os fracos, do que as Missões fáceis, porque têm de pôr tudo a render, e ainda porque quanto mais se dá mais apetece dar.

Além disso, basta um trabalho ser custoso para entusiasmar; creio que toda a gente é um pouco assim. (Não é não senhor).

Quando escolhi este curso, sabia o que me esperava; quando acabei o curso, sabia mais ainda. (É que é inteligente). Nenhuma de nós conta com um trabalho côr de rosa, graças a Deus. (Muito bem). Conhecemos, tam de perto quanto nos é possível aproximar, toda a espécie de miséria. E nada há que esteja mais de acôrdo com a nossa vocação social, do que tirar para fora desta miséria toda, as riquezas enormes que lá estão escondidas. (Apoiado). Nem é preciso pôr lá nada de novo. Eu creio que o serviço que o Senhor marca às assistentes sociais, é soprar o pavio que tumeça e que Ele não quer extinguir; levantar do chão e endireitar a cana meia partida, que Ele não quer esmagar. E não é fácil encontrar outra obra como essa em que as coisas sejam assim, porque o que mais se vê é pessoas muito empenhadas em inventar luzes artificiais e em fabricar canas fingidas, porque acham que o que está estragado só serve para deitar fora. Esta ideia sempre me affligiu, e desejo bem ir colaborar numa obra em que tudo se aproveita muito aproveitadinho.

Eu estou certa de que este trabalho serve para mim; agora, a questão é que eu sirva para o trabalho. É isso que eu vou ver, e, principalmente, o que V. verá. Por mim, queria bem acertar. (Tem sido sempre também o meu desejo).

MARCARPOSICIONES

No conceito unânime das gentes, afeitos, como andamos todos às usanças do assistir, ao tempo em que a Casa do Gaiato se estabeleceu em Paço-de-Sousa, logo no Pôrto se considerou mais um estabelecimento-sinho, a formar em linha e na linha dos mais. Daí o começar a instituição infante a receber heranças e esmolas do estilo, tais quais as compreende e aceita o clero, a nobreza mai-lo povo. Começou-se por uma herança de cem escudos por mês e durante 36 dêles, para a qual se torna necessário preencher 72 recibos, ir ou mandar receber, e por muitas outras formas e titulos, perder tempo com a supra citada deixa. Vieram a seguir as clássicas esmolas de funeral dos entes mais queridos, publicadas nas gazetas do dia, consoante a situação social. A CASA DO GAIATO lá aparecia na bicha da piedosa função. Nós iamõs receber ou aceitavamos o que nos dessem, sim, mas arrastados, vencidos, cheios de humilhação.

Porém, como quer que saisse a lume uma pontinha do nosso protesto interior, tanto bastou para sermos postos na lista negra, falando à moda dos tempos. Nunca mais se recebeu coisa nenhuma!

Acho bem. Foi mesmo muito bem feito. Quem quer não falasse. Pela boca morre o peixe.

Nós somos gente de trabalho. Dentro das nossas Casas, trabalhamos mais de oito horas por dia. Os cozinheiros nunca arrumam antes das 22 e os roupeiros, muitas vezes, ouvem dar as 23 na torre da igreja, ocupados em seus trabalhos.

O trabalho não tem necessidade de mendigar. Dentro de uma verdade superior e eterna, êle é digno do seu salário, que não de esmolas.

Moeda forte, garantia de vida, defesa da miséria, o trabalho é a divisa das Casas do Gaiato.

Assim constituídos e orientados, esperamos sim, uma acção supletiva de quem quer que seja, em virtude da própria natureza da obra. Apreciamos sobremaneira o auxílio de todos, quando êle é discreto e se esconde por detrás da mão que dá. Sim; apreciamos. Mas ail que dôr, vêr o nome de CASA DO GAIATO, como era costume ver-se, publicado na lista dos miserandos, quando havia dinheiro a distribuir. Ail que dôr!

Os pequeninos das nossas casas, estão sob a tutela dos portugueses e por não terem ninguém no mundo, são património da nação.

Os seus bens, são as qualidades e defeitos com que se apresentam. Ao tutor, que és tu mesmo, compete valorizar, fazer render a herança de cada um, por obrigação e sem favor. Os homens que, pela Bondade de Deus, tomam sôbre os seus ombros esta gloriosa Cruz, sabem que são obreiros da humanidade, trabalhadores de primeira linha. Não é gabarolice. A humildade é a verdade.

Quando passo em silencio por um grupo de pequeninos ceifadores, ou de cavadores de enxada, ou de pastores do rebanho. Quando entro em qualquer das nossas oficinas e observo os Rapazes no seu posto. Quando assim faço, digo, vou direitinho à história de cada um, que em todos é igual: — farrapos que fôram!

É então que me encho a mim mesmo de verdade, de certeza, de razão. É então que interiormente começo a desdobrar a vida daquele mesmo pequenino que tenho ali aos meus olhos, o qual beijo muitas vezes na fronte, como fazem os ceguinhos aos filhos que adoram, com receio de os perder de vista. É então que fora dos muros da nossa Casa, muito para além dos montes eu vejo o

CONTINUA NA PÁGINA 2.

ALERTA

Tenho seis recados para dar nas seguintes emissoras do Pôrto no domingo, 10 de Dezembro e nas horas aqui marcadas:

- Ideal Rádio—Das 10 às 12 horas.
- Portuense R. C.—Das 12 às 14 h.
- Rádio Pôrto—Das 14 às 16 h.
- Orsec—Das 16 às 18 h.
- Electro-Mecanico—Das 20 às 21 h.
- R. C. Invicta—Das 21 às 24 h.

É de mando dos maltrapilhos da rua. Eles apostaram em construir uma aldeia para nela mudarem de roupa, de costumes e de vida e já vão muito adiantados no seu propósito. Eles disseram-me que não se querem tornar independentes e cortar com a sociedade; antes desejam izar a bandeira portuguesa e conhecer melhor a história da Pátria. Escuta o recado dêles. Ajuda-os nas suas pretensões. Faze amigos dos que querem ser amigos. Deita água na labareda do mundo, oh insensato.

Aviso importante

Tem sucedido ultimamente que certos rapazesque vendem "O Gaiato" à porta das igrejas da cidade, têm tido a rara esperteza de se dizerem gaiatos, aceitar convites para comer e esmolas que lhes oferecem para a nossa Casa. Acho muito natural. De qualquer coisa se faz voltrâmio; até da Casa do Gaiato. Mas também é muito natural que a gente se defenda da esperteza dos mais, armando em esperto. Ora é isso mesmo que vamos fazer e eis como. "O Gaiato", agora, é vendido nas ruas do Pôrto, só pelos gaiatos que vão de Paço de Sousa, e também se encontra à venda única e "simplesmente" na Casa Nun'Alvares Rua de Santa Catarina, 628 e Espelho da Moda, Clérigos, 54. Já não há a venda por estranhos nos sábados da quinzena, como era costume. Espero que a notícia satisfaça gregos e troianos e que "O Gaiato" não venha sofrer culpas que não tem.

Noticias da Casa de Miranda

(Tal qual um gaiato as faz)

JÁ acabamos de apanhar a nossa azeitona. Andamos hoje apanhá-la no rio. Andava o Chico e o José Maria a varejar e os outros andavam apanha-la. Dá quasi para um moínho.

CADA um tem a sua obrigação a cumprir, tôdas elas são variadas: alguns têm a obrigação pequena, depois de a fazerem vão pedir mais serviço ou ao Snr. Joaquim ou ao Snr. professor. Alguns são das camaratas, outros são do refeitório e outros são os cozinheiros.

OS mais velhos já trabalham fora de casa. O Freitas trabalha no Montoiro aprender a serralheiro. O Joaquim trabalha na Ribeira e também anda aprender a carpinteiro e o Albino anda nos Bujos aprender a oleiro.

Ruizito que é o mais pequenino que nós cá temos em casa é o miminho dela: todos gostam dêle. Ele brinca com o gato, êle brinca com o cão, é conforme lhe apetece.

TAMBÉM cá temos um cãozito novo e quem o trata é o José Maria: o cãozito é muito engraçadinho, à hora de recreio todos brincam com êle e à merenda alguns dão-lhe bocaditos de pão. O cãozito é muito mau porque o Snr. Joaquim disse que êle prêso é que se fazia bom para guardar a quinta, êle também já mordeu ao Snr. Joaquim e fez-lhe uma grande ferida.

QUASI todos os domingos há uma grande discussão por causa do jôgo da bola. Quando acaba o relato uns dizem viva o Bemfica, outros dizem viva o Sport e como o Freitas é dos Belenenses quando o Clube dêle perde êle fica todo zangado e depois alguns dizem: êh! o Belenenses levou uma rôlha! e êle diz também: mas o Belenenses também já deu muitas rôlhas e às vezes até se trava luta.

FORAM domingo passado seis meninos a Coimbra vender o Gaiato. Sendo o Fernando, o Pôrto, o Bernardino, o João, o Adriano e o Pedro. O Fernando vendeu 65. O Pôrto vendeu 54. O Pedro vendeu 55. O João vendeu 50. O Bernardino vendeu 42 e o Adriano vendeu 43. Receberam algumas gorjetas e tiveram quem lhes oferecesse jantar e merenda. A Louzã foi o Pedro e o Humberto e venderam 39 e almoçaram em casa do Snr. Ferreira. A Miranda foi o Carlos e o José Carlos e venderam 27.

FOMOS no domingo dar um passeio até à Serra de Espinho e onde também comemos um magusto. Há pouco tempo fomos comer um magusto ao cabeço e onde se via Coimbra, o Snr. da Serra e Almalagez. Gostamos muito. Ficamos muito agradecidos ao Snr. Carlos Sá e ao Snr. Francisco Neto, por nos mandarem castanhas.

VENDA DO JORNAL

Na forma do costume, saíram os pequeninos semeadores num Domingo de manhã a lançar no mundo uma nova semente, que tem caído, até agora, em ótimo terreno, pelo que há justas razões para supor que ela frutifique—a seu tempo.

Foram em número de dez. O Domingos fez a sua estreia. Como é ainda muito pequenino, foi recomendado aos cuidados do Luciano. Vendeu 73 jornais.

O Luciano vendeu 94, despachou 3 livros, trouxe duas assinaturas, entregou 9\$30 de acréscimos, deu de comer a 5 garotos da rua e comeu com o Domingos, na rua da Alegria.

O Pôrto vendeu 66 jornais, três livros, deu senhas de sopa da Legião, entregou 19\$20 a mais e comeu na Avenida R. de Freitas. E' extremamente delicioso ouvi-los a contar à gente o que comeram, na sua gíria impecável; *comi batatas feitas em azeite.*

O Augusto comeu no Batalha. Vendeu 100 jornais e 3 livros e deu de comer e trouxe 47\$50 de acréscimos. O Alfredo, que costumava ir comer mais o Júlio a casa do *senhor das botas*, foi desta vez, ao que parece, comer com o *Zé sem mais nada*, o antigo *Zé Ninguém*, que quiz trocar este nome por aquêle, depois que se meteu à frente o *Zé Ninguém N.º 2*, no peditório da Renascença.

Espera-se que não venham mais usurpadores, para assim vivermos em paz.

O *Zé sem mais nada* é queridíssimo da malta. Trazem sempre coisas novas a contar, do que lhe ouvem e veem fazer no Pôrto, a bem da nossa obra. Todos o conhecem, mas não sabem quem êle é. *Tem bigodes e dentes de ouro*, disse-me o Luciano;

ateima com outros senhores, que compram o Jornal, explica o Júlio. Pois o Alfredo comeu em casa dêle.

Vendeu 37 jornais e três livros e entregou 10 escudos a mais.

O Amadeu despachou 122 gaiatos e 3 livros e trouxe 4 assinaturas e 53\$00 de acréscimos. Está em riscos de tirar a camisola amarela ao Júlio! Deu de comer e comeu em casa da Senhora de Elvas. *Comi arroz com ovos por cima!*

O João comeu no Batalha. Vendeu 116 gaiatos e 4 livros e trouxe 41\$00 de acréscimos.

O Gari vendeu 71 jornais e 3 livros e entregou 35\$00 a mais. Comeu em casa de uma senhora que o convidou.

O Júlio comeu como é usança, no *senhor das botas*, que agora lhe deu roupas de vestir. Despachou 150 jornais e 3 livros. Entregou um assinante e 27\$00 a mais.

O Oscar não tem mais que dizer de um Estudante que o levou a comer em casa dêle. Foi preciso dizer-lhe que se calasse, para deixar que os mais dessem contas! Vendeu 100 jornais, 3 livros e entregou 61\$40 de acréscimos.

A qualquer hora e em qualquer lugar faz comício do que viu em casa do Estudante e declara com entusiasmo: *p'ra outra venda lá estou caído!*

Está, se outros não andarem à frente. Eu cuido que se mandasse ao Pôrto os 70 que cá temos, todos tinham mesa posta!

Para a Vila de Paredes, despachou-se o João e também o Augusto, os quais não ficaram a dever nada aos mais vendedores. Nem Paredes fica a dever nada aos Gaiatos.

AS OFICINAS DA NOSSA

"ALDEIA" EM

uma dependência da nossa quinta, onde provisoriamente se procede às aguçadas de ferramentas e reparações ligeiras, temos instalado algumas peças de arte mecânica, que hão-de servir mais tarde para trabalhos definitivos.

Estas peças são compradas na cidade do Pôrto, em casa do Custódio José Rodrigues, na medida das nossas minguadas posses, e ainda com proveito do crédito que aquela firma comercial nos dá. A última delas, foi uma máquina de furar por 1.800\$00. Já tinhamos outras peças ao serviço. Outras virão a seu tempo. E desta sorte, qual passarinho que vai colhendo, onde aparece, o material dos seus ninhos; qual noiva que vai fazendo aos poucos as peças do enxoval. Assim nós, pobres que somos, de nadinhas sacrificados, havemos de levantar uma oficina modelar, para com ela, levantarmos da rua a um grau de vida sã, a criança que nela habita.

O Luciano é que tem o inventário das ferramentas de serralheiro.

Tem-no guardado no armário, onde formam as de carpinteiro, ao cuidado do António e do Amadeu, ou do *S. Pedro e S. Paulo*, como lhes chamam cá em casa, em vir-

Tem a palavra o Alfredo do Pôrto

Eu em minha casa era quem fazia a comida porque a minha mãe ia para o trabalho. Andava atrás das camionetes até à Trofa e depois vinha outra vez para o Pôrto. Fumava, roubava, corria atrás dos eléctricos em termos de cair e morrer atropelado. Ia para a praça D. Filipa de Lancastre onde eu habitava acarretar malas a casa de muitos Sars. para ganhar dinheiro para comprar cigarros e rebuçados.

Roubava dinheiro à minha mãe e ia comprar iscas ao caçóila que eram tam boas com sêmea. Uma vez ia eu atrás de uma camionete a fazer pouco dos policiaes mas êles botaram-me a luva e levaram-me para a esquadra para a 11.ª, e mandaram-me para o Aljube e dormi lá uma noite numa tarimba do estrado e não quis saber da prisão noutro dia já andava atrás delas outra vez. Ia para a Praça do Peixe roubava sardinhas para vender.

Para roubar o peixe nós punhamos tude de serem os dois companheiros de oficina.

Procedeu-se há dias à contagem das peças de ferramenta, a ver se estava intacto o lote que se obteve por 3.000 escudos, no verão passado. Faltava uma lima. Eu acho muito bom. Os Rapazes são altamente ciosos do que se lhes confia e gostam de prestar contas. E' o natural brio que desperta na alma deles, em virtude da noção de responsabilidade.

Lição de coisas

Estava o Alfredo sentado à mesa, muito aborrecido, e eu chamei-o por cuidar que seria doença

—Não senhor E' que o Mondim não me deu conduto.

—Porquê?

—Por eu não ter comido caldo.

—Porquê?

—Porque êle é de nabos e eu não gosto dêles. Deixei de pé a lição do Mondim, e até lhe pedi licença para dar um bocadinho de conduto ao Alfredo, depois de um contracto que firmamos:—êle, o Alfredo, começa desde amanhã a comer uma pequenina porção daquilo que não gosta,— até que goste.

Para não irmos ao Notário, demostros um beijo e ficou selado.

Agora nem tanto, mas a principio, as Repartições Públicas com que tinhamos de tratar, pediam o selo branco, e sem o selo nada. Pois eu digo que com êle nada. O nosso selo é de sangue. E' vermelho. E' vida.

DOENTES

O PERIQUITO guardou o leito durante uma semana. Preparava-se para mais uma, mas a senhora sacudiu-o de lá para fora, pelo que já tomou o seu officio de chefe de dormitórios.

O Carlos está agora na berlinda. Teve pena de ficar sosinho na enfermaria, com a ausencia do PERIQUITO. Ele tem p'ra pêras por causa de um trambolhão.

Outros males de menos gravidade, estão à espera do óleo de fígado de bacalhau, que o Doutor Magano nos vai mandar!

um arame muito comprido e aguçado na ponta atiravamos para cima do peixe e êle vinha agarrado na ponta. Depois iamos para a porta vender às mulheres que ali passavam, Vendiamos o quarteirão a dez tostões. A minha mãe às vezes não sabia nada disso se não dava-me um ensaio de pancada. Agora já sou melhor já não faço as maroteiras que fazia lá nas ruas do Porto. Agora sou camponês.

Sim. Trabalha no campo e frequenta à noite a escola, das 17 às 20. A esta hora temos a ceia; a seguir, dois dedos de recreio. Vem a oração da noite, os avisos, os prémios e castigos, a distribuição de lambarices quando as temos Há a inspecção aos pés e mãos, não vão êles sujos para a cama. E por último, o *muito boa noite e até amanhã se Deus quizer.*

O Alfredo, desde a hora em que chegou, começou a trabalhar na quinta. Nunca esboçou um queixume. Nunca disse para ir embora.

Aceita na mesa o que lhe dão. Nas nossas reuniões mensais de formação de piedade, o Alfredo vai à frente. Na rua era o que êle diz. Na Casa do Gaiato, é o que tu me ouvés dizer.

E' filho ilegítimo, diz a caderneta. Eu digo que não. Ilegítimo é o pai.

Não há crianças ilegítimas. Há pais ilegítimos.

Mais 50\$ por carta, mais 30\$ idem, mais roupas pequeninas do Pequeno Fausto, que rabiscou uma carta dedicatória, mais 20\$ do Jino, mais 100\$, mais 1 pacote de roupas, mais 1 fato da mocidade,

DO QUE NÓS

NECESSITAMOS

mais um pacote de roupas e calçado, mais 1 de livros, mais 1 de roupas, mais 1 de guloseimas, mais 1 de latas de conservas e 40\$00, mais 2 camisas de mulher, mais 1 de roupas, mais 1 de livros, mais 1 idem e coisas de prata, mais um de roupas e loiças, mais 1 de roupas, mais 1 idem, mais um de piões, mais um de faniadeiras, mais 1 de nozes, mais 1 de livros e 20\$, mais 100\$, mais 50\$, mais idem, mais 20\$—tudo entregue no Depósito, o qual quis tomar à sua conta esta nobre Procuradoria.

Mais, no Porto, 25\$00 por alma do Senhor Dom António Barrosol alguma vítima da bondade daquele Prelado, que quer pagar amor com amor.

Eu suponho que as roupas usadas são limpas e que todos quantos no-las enviam teem o cuidado de nos deixar particularmente se as peças necessitam particular cuidado em matéria de desinfecção. Sim. Estou certo que onde houver a vontade de dar, também existe o poder de compreensão.

Mais de um visitante um poder de roupas e algumas peças de ouro.

Mais de uma visitante mil escudos e alguns anéis do mesmo metal. Mais de outra visitante, uma pancadaria de escudos em papel. Mais um pacote de faniadeiras de Cête.

Mais uma dúzia de guardanapos

de linho caseiro, em fôlha. Oh!... ciência de dar aos Pobres, que é tão rara como os corvos brancos ou lua azul! Mais 100\$00.

Mais um grande pacote de preciosos cobertores de lã. Que importa que estejam puídos do tempo, se aquecem da mesma sorte!

Mais no Depósito, de S. João da Madeira, para os que não sabem quando fazem anos, um pacote de brinquedos e chocolates.

Mais um pacote da Mimi e Bébê. Mais dois pacotes de chocolate, de conhecida letra e desconhecida pessoa. Mais peúgas de A Meia de Ouro. Mais 6 guardanapos de linho, direitinho do tear, com certeza da mesma pessoa que antes mandara 6. Pois vão aparendo corvos brancos!

Mais de Rezende castanhas e roupas lindas. Mais de visitantes duas alianças de ouro. Mais de algures, pelo correio, objectos de ouro, entre os quais um anel precioso, com pedras finas. Como esta obra é valente!

Mais a seguinte carta que trouxe um dos nossos vendedores de jornal, com 150\$00 dentro:

«Faz hoje precisamente dez anos que minha mulher e eu nos conhecemos. Desde êsse dia se uniram as nossas almas. Casamos e temos agora um caszinho, para quem desejamos tôdas as venturas.

E ao lembrarmos da felicidade relativa que podemos dispensar aos nossos filhos, lembramos também da infelicidade que rodeava os seus gaiatos até ao dia em que sua mão protectora lhes abençoou a fronte.

E para que Deus nos permita rodear os nossos filhos da felicidade que lhes ambicionamos, queremos contribuir, dentro do que nos é possível, para a felicidade dos seus gaiatos.

Temos acompanhado a sua campanha desde o início. Já tivemos ocasião, por diversas vezes, de contribuir para os gaiatos, mas não interessa saber onde nem como. Queremos só que tenha a certeza de que na nossa casa, como em muitas outras, se pensa em si e nos seus rapazes. E pensando em si, Padre Américo, pensamos na doutrina de libertação humana que Jesus trouxe aos homens. E' quanto nos basta».

Desde êsse dia se uniram as nossas almas. Sim, meu senhor, isso é o sacramento do matrimónio — união de duas almas. Eu não teria aqui comigo esta multidão de pequeninos, se fôsse possível no mundo, a união das almas. Eu também penso muitas vezes nos lares que Deus abençoa, porque almas unidas. Eu amo infinitamente estar algum tempo nesses santuários, para tomar ponto e sentir que a luz do mundo ainda se não apagou; e desta sorte, ter coragem, mais coragem, para ser testemunha de vista do desmoronar social para qual não temos remédio. Reze por mim, meu senhor.



Nas horas de servir há compostura e reverencia. Nos recreios, é outro canter.

Boas notícias

Ainda não fiz a escritura, mas já tenho aviso da oferta de uma quinta para a Casa do Gaiato.

Não é letra de um testamento. E' uma dádiva racional, de interesse pela obra. E' um desejo vivo, de quem gosta de assistir ao bem que faz e participar dêle. Assim, sim. O Sérgio há-de ir vê e tomar ponto, depois do que se fará o aviso em comunidade de que já temos uma quinta para ocupar mais irmãos. Os rapazes compreendem. Deliram. Interessam-se. Obreiros da Casa de Paço-de-Sousa, hão-de ir quando a hora vier, marcar presença e trabalhar no que é dêles. Havemos de formar pequeninas colónias de trabalho dentro da nossa Pátria, enquanto o Estado nos não abrir a porta das Colónias do Império, como se espera que faça a seu tempo.

O Povo gosta de ver a verdade e vai ao encontro dela, a dar palmas de contente.

Atrás desta, hão-de vir mais quintas, mais dinheiro, mais fortunas. Hão-de vir, mas serão aceites, sómente na medida em que tivermos mãos na organização, capazes de trabalhar as terras.

Hei-de ver se sou capaz de resistir à tentação de fazer obra de fundos e de aceitar quintas para rendimento. Para trabalho, sim. A maior desgraça das Casas do Gaiato seria o elas virem a ser uma obra rica. Era a morte. Até as Ordens Religiosas, viram o apogeu da sua miséria depois de terem sentido o das suas riquezas. O Presépio é lição. Depois que o Mestre a deu ao mundo, ninguém pode tingir ignorância. Quem o fizer, sofre. Tempo há-de vir em que muitos, me hão-de oferecer propriedades para a Casa do Gaiato, e eu hei-de dizer que não, a menos que tenha rapazes em número suficiente e com capacidade de cultivar e dirigir.

Quanto em mim estiver e que eu possa transmitir aos meus sucessores, a fundação das Casas do Gaiato, não há-de suscitar cubiças; tão pouco, pela sua pobreza, ser cantão de lugares políticos. E assim, será sempre forte.

Ultima hora

OFICINAS. Meu dito meu feito. Cem contos é a medida com que um senhor Anónimo da capital do norte se propõe erguer o edificio. Já me deu vinte de sinal. Não foi necessário ir aos capitalistas de nomeada. Para estas obras, o dinheiro não vem dos cofres; sai do coração.

Pobres de CRISTO

Continuamos a visitar os pobres do costume. O de Bairros veio cá buscar a esmola e não disse que precisava de coisa alguma. O do Assento ainda não recebeu a roupa para os filhos que andam a morrer de frio por não terem com que se abrigar. Eles são muito nossos amigos. Quando a gente lá vai levar a esmola dão-nos pinhas para tirarmos os pinhões. Quando a gente chega a casa são êles assim a pedir: O' coisa dá cá uma pinha, outros já não querem pinhas querem pinhões e a gente damos de boa vontade. Tomaramos nós muitas para jogarmos o rapa no Natal. O de S. Lourenço ainda não recebeu a roupa para eu pedir aos leitores se lha davam. Já está cada vez mais acabado e a mulher também. Com isto termino e não aborreço mais.

O Secretário,
José Eduardo.

Não aborreço não senhor. Ai da vida sem crianças!

Um visitante da Granja deixou 20\$00 para a caixa dos pobres e é tudo quanto o Zé Eduardo recebeu pelo que anda muito triste, e eu mais.

Mandem-lhe os pinhões do rapa.

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Peditórias

Tebe lugar no dia 26 do mês de Novembro do ano em que estamos e no Coliseu do Porto, o primeiro passo da via-sacra que êste inverno tenciono fazer.

Nas duas sessões do dia, mais de cinco mil Tripeiros ouviram falar da nossa Aldeia e declararam-se obreiros dela, cada um segundo as suas posses.

Parece estranho, à primeira vista, que um Sacerdote entre em casas de espectáculos, quando a disciplina eclesiastica é expressamente severa a tal respeito; parece sim.

Mas eu desejo esclarecer.

A Obra da Rua é cem por cento uma obra da Igreja. Se não mostra no rosto a clássica legenda — com aprovação eclesiastica isso nada quer dizer. O espirito é que vivifica; a letra não conta. O Senhor Bispo do Porto, sabe tudo quanto eu faço, aonde e como. Sabe-o por mim mesmo; alguma coisa que tem sabido por outros (e tem sabido) são fraquezas dos homens.

Ai da obra, se não fôsse da Igreja! Ai de mim, se eu não fôsse da Igreja! Que podia eu sem Ela? E que não posso eu com Ela?

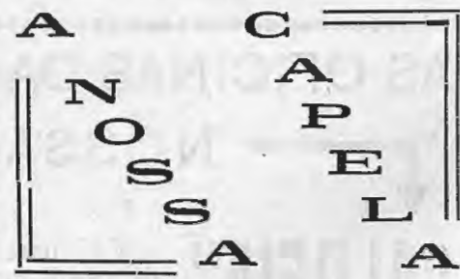
Mesmo que eu fôsse sequestrado, reduzido a silêncio, posto a tormentos; — todo o mal que o homem pode e sabe fazer. Que importa? Sendo da Igreja não estou nunca sozinho.

Eu acredito na comunicação dos Santos!

Com homens desta força ninguém pode nada; nem os bons nem os maus. O mais acertado é deixá-los passar.

Mas vamos ao que se passou no Coliseu. Muita gente. Tôdas as facilidades da parte da Perência. Muitas facilidades da parte do Pessoal Menor. Muito interesse em ouvir o recado. Muito desejo em dizer que sim. Na primeira sessão, sete contos e quê. Eram pobres. Na segunda sessão, seis ditos e quê. Eram ricos.

Vi gente conhecida, de outros peditórios. Um dêles, apareceu o ano passado em tôdas as igrejas, tôdas. Aparecia igualmente dentro da saca um rolo de



ESTÁ em vespuras de receber madeiramento.

Quanto aos vasos sagrados para uso do culto, recebi até à data cento e trinta objectos de ouro, os quais, pelo seu peso diminuto, não dão metal suficiente para o trabalho que se pretende.

Há-de haver mais coisitas de ouro no teu guarda-joias. Fico à espera.

Continuando no assunto de pratos do altar, elas compreendem: — uma custodia, uma pixide, uma banquetta, um turbulo com naveta e as necessárias galhetas. Por ora, tenho apenas a pixide e a custodia.

Dá-me prata ou ouro para mandar fazer. Peças daquelas já feitas não, pois que tudo obedece a um mesmo estilo.

A lampada é de ferro. Os paramentos virão depois.

Há muita coisa dêsse género em solares antigos. Talvez esta notícia lá chegue e do conhecimento dela, cheguem os paramentos à Casa do Gaiato.

notas de cem. Pois dia 26, na minha saca, apareceu um rolo de notas de cem! Estou a ver que temos mais rolos nos mais palcos onde tiver de ir. Ele é e chama-se Leão.

Quando ouvires anunciar a segunda palestra, que será, talvez no S. João, apita que eu também apito.